

# A RUA DAS FLORES (1521 – SANTA CATARINA DAS FLORES NO SÉCULO XVI) E O MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE AVÉ MARIA (1518/1899). O INÍCIO DA REQUALIFICAÇÃO MODERNA DO PORTO

ISABEL MARIA RIBEIRO TAVARES DE PINHO\*

**Resumo:** *O Porto para além da estrutura medieval tinha, e tem, uma topografia difícil e acidentada. A verdadeira revolução urbana havia de ter início no século XVI com a abertura da rua das Flores e da construção do mosteiro de Avé Maria. É então que se dá início ao planeamento com a intenção do bem colectivo.*

*A área escolhida, próxima da Sé, mas em cota desnivelada, foi a que restava utilizada ainda para fins agrícolas. Há muito que se procurava extinguir estas práticas dentro da muralha, para o total aproveitamento do espaço urbano. Deste modo foi possível a implementação de um novo conceito de planeamento. O traçado da nova rua, de Santa Catarina das Flores, fez-se segundo os parâmetros renascentistas: recta, larga, calçada e com um regimento fixo na construção das habitações. Para além disso preencheu a necessidade de ligar a zona baixa, comercial e mercantil, com a saída terrestre, para norte. As praças que lhe ficaram adjacentes, igualmente princípios teorizados, foram do mesmo modo elementos fundamentais para expansão urbana.*

*Foram companheiros de jornada durante três séculos, a rua das Flores e o mosteiro de Avé Maria. Ambos cresceram geradores de importância social e económica. Mas no século XIX a pressão urbanística que os vira nascer, condenou um à extinção, o mosteiro, devido à mudança do ideário político e voltou as costas à rua das Flores quando o centro nevrálgico do Porto se mudou para a praça da Câmara, fora da muralha, entre tanto derrubada. A rua não morreu, estagnou durante décadas, num pequeno e obscuro comércio, renascendo das cinzas, no século XXI, acompanhando uma nova revolução das ideias.*

**Palavras-chave:** *Rua; Mosteiro; Urbanismo.*

**Abstract:** *Porto on top of a medieval structure had, and has, a difficult and bumpy topography. The unevenness, along with the medieval conception hindered the economic expansion. The real urban planning will only be initiated with the Flores Street opening and the Avé Maria monastery construction, in the 16<sup>th</sup> century.*

*The chosen area, near the cathedral but on an uneven quota, was the remaining from the one used for agriculture. Long was the wish of extinguishing these practices, within the city walls, for a total urbanistic space usage. With the planning finished a new artery emerged, according to the renaissance parameters: straight, wide, cobbled and a fixed regiment in terms of house construction.*

*For three centuries, the Flores Street and Avé Maria monastery, walked side by side. Taking advantage of each other's proximity both grew, sparking a socio-economic center of great importance. In the 19<sup>th</sup> century the urbanistic pressure that saw the birth of both condemned one to extinction, the monastery, due to a change of political ideas and turned its back on the other, when the city interest center moved to the Chamber square, outside the wall. The street did not die, stagnated during decades, in a small and obscure commerce, rising from the ashes, in the 21<sup>st</sup> century, alongside a new revolution of ideas.*

**Keywords:** *Street; Monastery; Urbanism.*

---

\* Email: pinhofirst@gmail.com. A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

## 1. O LOCAL DO MOSTEIRO E DA RUA NA MALHA URBANA

O local da edificação do mosteiro é aquele que hoje ocupa a estação de S. Bento. O perímetro abrangia uma área um pouco mais extensa para poente, sensivelmente até meio da actual Praça de Almeida Garrett, outrora o largo das Freiras de S. Bento. Para leste o penhasco de Cimo de Vila, sob o qual foi aberto o túnel por onde segue a linha para Campanhã, limitava as aspirações de expansão, assim como a norte, a muralha por onde, na face externa, corria a rua da Madeira. A sul e a poente os espaços públicos eram igualmente obstáculos intransponíveis. As confrontações da estação de S. Bento são exactamente as mesmas com excepção da muralha, desaparecida no século XVIII. A rua das Flores permanece onde nasceu, naquela época aos pés do mosteiro, hoje da estação ferroviária que herdou parte do seu nome. Sofreu poucas alterações estruturais. Apenas a fisionomia terá mudado ao longo dos séculos.

Em 1518 iniciou-se do lado interior da muralha e praticamente adossada a ela o mosteiro feminino beneditino de S. Bento ou da Encarnação. Entre a muralha e a testeira norte da construção, praticamente enterrada devido ao desnível para sul, ficou um estreito corredor de circulação, a partir do leste, da cerca, permitindo cargas e descargas. Este espaço vazio protegia ainda a vida monacal de vistas indesejadas. Adjacente a esta servidão, vedada por um portão, ficava uma das mais importantes portas da muralha da cidade, a Porta de Carros, deslocada alguns metros para poente a fim de permitir encaixar o cenóbio.

Na referida Porta de Carros começava, intramuros, um dos acessos à cidade, partilhado com o rio de Vila que corria a céu aberto alagando a área circundante. Foi necessário por isso fechar este córrego, encanando o curso de água. O caudal, agora regularizado, continuou a alimentar, com a sua força motriz, as incipientes indústrias situadas no declive do que é actualmente a rua de Mouzinho da Silveira, então as traseiras da rua das Flores. A partir da porta de Carros a via descia de norte para sul, alargando-se para poente defronte do mosteiro de Avé Maria, formando um amplo terreiro, enviesado, devido à topografia da cerca dos Padres Lóios. Estreitava depois, curvando para ocidente, dando origem ao primeiro troço da nóvel rua das Flores que se chamou a rua dos Canos por ser o trajecto das canalizações que levavam, daqui, a água para os conventos mendicantes de S. Francisco e S. Domingos construídos numa cota muito mais baixa, beneficiando da gravidade para poderem ser abastecidos.

Este local seria então, praticamente, a última parcela livre dentro da muralha, mantendo-se desaproveitada e não rentabilizada enquanto chão urbano. Agora que a noção de cidade mudava, não havia lugar a áreas agrícolas dentro dela. O projecto da rua das Flores trouxe uma perspectiva totalmente nova a este espaço, atribuindo-lhe o valor de marco da modernidade renascentista por excelência. Este pólo criou as condições para, não só, desenvolver a massa económica da cidade, deslocando-a da zona ribeirinha, como lhe deu uma nova roupagem social. O próximo passo

revolucionário seria dado no século XVIII com o derrube da muralha que espartilhou, durante séculos, a Invicta.

## 2. O MOSTEIRO DE S. BENTO DE AVÉ MARIA OU DA ENCARNAÇÃO DO PORTO

A sua construção veio no seguimento da política reformadora de D. Manuel I. Se em termos arquitectónicos o período parece aparentemente estagnado pela prossecução no gótico, chamado entre nós de Manuelino, todo o ideário subjacente à acção deste monarca demonstra uma clara modernidade. Não é por isso verdade que a linha de desenvolvimento cultural, vinda do reinado anterior, tenha sofrido abrupto corte. D. João II governara o reino com mão de ferro na sequência da desagregação do poder durante o reinado de D. Afonso V, seu pai. No entanto, a par ou na sequência dessa centralização procurou atrair o que de melhor se inovava na Europa, sobretudo da Itália. D. Manuel contactou então e naturalmente com as correntes artísticas italianizantes e seus intervenientes que iam circulando no reino, apadrinhadas por seu cunhado e rei D. João II. Mantendo-se igualmente centralizador apostou mais no sentido da modernização administrativa e da reorganização do reino. São disso exemplo a reforma dos forais e as *Ordenações Manuelinas*. A redacção do formulário foraleiro passou a ser uma sucessão de direitos, obrigações e regulamentos que substituíram, de forma objectiva e eficaz, o conceito medieval de normas avulsas. Nas *Ordenações* compilam-se directivas de comportamento social e público, assim como enquadramentos jurídicos para o planeamento urbano.

Em 1517 o Porto recebeu o Foral Novo e agora preparava-se para, observando princípios contidos nas *Ordenações*, gerar uma nova perspectiva urbanística. A rua das Flores condensou em si pensamentos e práticas renascentistas. Também o mosteiro seria disso exemplo, já que a sua existência derivava de uma outra necessidade há muito sentida: a reforma das comunidades religiosas que, em deterioração moral e material, resvalavam a caminho da anarquia e do total descontrolo. Como corolário deste plano reformador a todos os níveis, os executores dele foram homens de largo rasgo, todos de alguma forma ligados ao renascimento.

Para que a rua das Flores abrisse em 1521, ano do falecimento de D. Manuel, já a sua construção estaria em marcha quando se lança a primeira pedra do mosteiro em 1518. De resto, muita da terra dali retirada para rasgar a larga artéria, a partir de uma simples serventia, assim como a das fundações das respectivas habitações terá sido oportunamente aplicada para regularizar o terreno onde se levantou a igreja do mosteiro. Esta área situada do lado sul do perímetro do cenóbio tinha e ainda tem um acentuado desnível nos sentidos sul e poente. O pendente de ambos afunda-se para a rua das flores. Foi necessário criar uma plataforma regular encaixada no penhasco de Cimo de Vila, actualmente a Praça da Batalha, que tinha e continua a ter uma

cota muito acima do local da construção do mosteiro e agora da estação ferroviária, ficando mesmo assim elevado relativamente à rua das Flores.

Escolhido o local, a direcção e a execução da obra foram entregues a João Lopes o Velho. Na prossecução do pensamento renascentista a escolha revelou-se consentânea. Pertencente a uma família de grandes mestres, com provas dadas em inúmeras obras por todo o norte, de parceria com outros importantes nomes do talhe da pedra, como os irmãos Castilho. João Lopes era versado nas várias fases do gótico e iniciara-se já num hibridismo com o proto-renascimento (Sé de Lamego). Não podemos esquecer que se viviam tempos de experimentação estilística devido às influências que o país vinha sofrendo numa pujança económica. Talvez por isso o manuelino prosperou larga e longamente, abafando quaisquer tentativas de consolidação renascentista tornada fugaz, pouco evidente por entre a exuberância do gótico flamejante tornado naturalismo manuelino.

A fisionomia do mosteiro de Avé Maria chegou-nos pela escrita e não por qualquer tipo de risco ou esquisso. O caderno de encargos, pouco minucioso, proporciona mesmo assim indicadores capazes de consubstanciar uma forma, ainda que sintética. Toda a construção seria executada na pedra da região e da melhor (seria a das pedreiras de Azurara – Vila do Conde), segundo o *Livro da Fundação do Mosteiro*<sup>1</sup>. Temos então a noção de uma massa pesada e sólida a ocupar um quadrilátero voltado a poente, rodeado de um imponente e desafiador muro de alguns metros de altura e outros tantos de espessura. Um robusto românico. No entanto, o mosteiro em si não se aninhou por detrás daquela protecção pétrea. Desenvolveu-se em altura, talvez pela necessidade de espaço que não tinha, ou, porque a conceptualização do gótico estaria subjacente, elevando-o para as alturas em busca da luz. Na realidade as frestas românicas não tiveram aqui lugar, substituídas por janelas rasgadas em número razoável, colocadas a níveis onde serviam somente para a iluminação natural.

A espacialidade era toda funcional. Desde os primórdios o mosteiro teve todos os cómodos, não necessitando ao longo dos tempos de fazer obras nesse sentido ou adaptações, como sucedeu noutros cenóbios. Desde os básicos dedicados ao quotidiano como cozinha, refeitório, dormitórios (chegou a ter cinco, sobrelevando a construção a alturas incomuns), passando pelas áreas habituais destinadas ao serviço do culto ou aperfeiçoamento espiritual: igreja com dois coros sobrepostos (inovação no século XVI) sacristias (a de dentro e a de fora) e casa capitular expressamente construída (que poucos teriam já). O mosteiro tinha casa do lavor, identificada como tal, enfermaria, botica e necessárias nos dois pisos. Além destas dependências havia outras destinadas à arrecadação de provisões, lenha, casa do despacho, padaria e

---

<sup>1</sup> ADP. *Fundo Monástico. Mosteiro de São Bento de Avé Maria do Porto. Livro da Fundação do Mosteiro de S. Bento de Ave-Maria*, fol. 152; PINHO, 2000: I, 84.

adega. Em algum tempo teve instalações para refinar açúcar. Não nos chegou informação se disso faziam negócio. Das fundamentais, em todos os institutos religiosos, tinha uma portaria com acomodações para a irmã porteira e um claustro totalmente fechado. Um outro foi iniciado do lado da cerca, ficando em aberto. No decorrer dos séculos acabou vedado pelas sucessivas construções que se foram amontoando, transformando, nos últimos anos, o mosteiro num condomínio fechado.

Nada terá mudado substancialmente. A localização das diversas dependências manteve-se porque eram as canónicas e canonicamente situadas. Apenas foram mudando de fisionomia, dependendo dos gostos e modas decorativas.

O claustro era um quadrado, tendo em cada uma das engradas um arco botante com a respectiva gárgula para escoamento das águas pluviais. Em cada face dois pisos sobrepostos com dez arcos cada. Todos assentavam em colunas de fuste prismático com capitéis e embasamentos de lavor vegetalista. As colunas do piso térreo apoiavam-se num pequeno murete (que já se não usava nas construções a sul do país). Entre as do piso sobrelevado painéis de alvenaria compunham varandas. O soalho do primeiro andar que servia de forro ao rez-do-chão era de simples madeiramento. O lavrado do granito era grosseiro sem a leveza do calcário. Duas escadarias colocadas nas extremidades de uma das diagonais serviam de forma funcional o coro de cima e os dormitórios mais afastados. Pensamos que as paredes do piso inferior do claustro poderão ter tido revestimento cerâmico. Uma imagem de finais do século XIX regista um fragmento de tapete azulejar, em torno de uma porta ogival que dava acesso do claustro poente ao ante- coro térreo. A imagem é muito pouco esclarecedora, mas pelo feitio do desenho pode ter pertencido ao período em questão. No centro, uma fonte de que não há notícia. A que lá foi resgatada aquando da demolição pertence aos princípios do século XVIII<sup>2</sup>. Nos primórdios o mosteiro lutou com falta de água, apesar da abundância dela no local. No entanto, a existente pertencia aos mendicantes que ali tinham nascentes privadas, ou estava poluída pelas actividades profissionais que se exerciam perto e usavam as águas correntes para o lançamento de todo o tipo de dejectos além dos domésticos. Logo no primeiro quarto de Seiscentos a roupagem do claustro actualizou-se, substituindo-se colunas por pilares, como aconteceu noutras casas monásticas. Os vãos diminuíram de dez para nove pelo maior volume ocupado e os do piso superior deixaram de ser de volta inteira, ficando abatidos. Esta circunstância, a única a referenciar na obra, terá sido causada pela altura insuficiente do pé direito do claustro. A construção do arco abatido requer menor distância que o raio de um arco de volta perfeita. Parece ter sido, esta, a única modificação conhecida durante a vida do mosteiro.

---

<sup>2</sup> PINHO, 2004: 348.

Em 1528 a igreja ainda não estava concluída e muito atrasada. A rua das Flores recebia calcetamento, sucessivamente retardado, ao ponto de terem de ser os proprietários a encarregarem-se das obras defronte das suas moradias<sup>3</sup>.

Talvez o atraso na conclusão do templo se tivesse devido à mudança na direcção das obras. É aqui que reside o maior problema de reconstituição do aspecto que teria tido. Naquela data Diogo de Castilho encarrega-se da obra como arquitecto régio. O monarca era D. João III e apesar dos constantes gastos com os Jerónimos nomeou para o Porto um dos maiores artistas do reino, com o conhecimento da gramática renascentista que aprendera no melhor centro do país, Coimbra. Castilho poderá ter modificado totalmente o projecto inicial traçado por D. Manuel e que João Lopes iria realizar: cobertura de madeira de asnaria com ou sem olivel. Apesar das alterações nos séculos subsequentes, a estrutura do telhado foi sempre em madeira. Talvez o espaço assim o obrigasse. Não recebeu por isso qualquer tipo de cobertura de ogivas por mais simples que fosse. A cabeceira totalmente românica: pequena, diferenciada da nave em altura e com uma simples fresta a leste por onde entrava a luz da manhã. Este apontamento indica inclusivamente a ausência de um retábulo. O espaço disponível, sobrelevado relativamente à nave, era ocupado pelo altar mór, uma pedra rectangular rematada com um qualquer relevo. Entre os espaços sacros um elevado arco cruzeiro, em pedra, de volta inteira e lavrado, talvez ostentando as armas régias. Um luxo adornava o pequeno templo: um par de órgãos trazidos de um dos mosteiros extintos. Mas é o portal que mais dúvidas deixa. Castilho trabalhara no mosteiro de Monchique, no Porto, e embora não tenhamos qualquer registo da sua obra lá, podemos avaliar o seu génio por outros locais conhecidos. Terá sido este portal da igreja de Avé Maria um hibridismo para agradar a gregos e troianos, ou o seu nervo de artista terá executado obra de sua inteira responsabilidade?

Outra inovação teve este cenóbio: uma hospedaria. Alguns anos após o povoamento do mosteiro (1547)<sup>4</sup>, a comunidade requeria à Câmara autorização para erguer uma casa, defronte do mosteiro, para ali acomodar os seus capelães, visitas e sobretudo instalar, provisoriamente, as candidatas à clausura.

Em Seiscentos a igreja tomou o aspecto das demais do seu tempo; paredes revestidas de tapete de azulejo com alguns painéis historiados (pelo menos um na cabeceira) e o forro, de duas águas, recebeu 3 ou 5 fiadas de caixotões lavrados e pintados com iconografia mariana e o arco cruzeiro feito de novo. Não sabemos como seria, apenas que ficou mais largo porque toda a empena norte da igreja recuou para dentro da clausura à custa das celas ali adossadas. Os coros permaneceram sobrepostos, agora decorados ao estilo Barroco. A remodelação arrastou-se por todo o século XVII,

<sup>3</sup> AFONSO, 2000: 93.

<sup>4</sup> ADP. *Fundo Monástico. Mosteiro de São Bento de Avé Maria do Porto. Livro da Fundação do Mosteiro de S. Bento de Ave-Maria*, fol. 342-343; PINHO, 2000: I, 123.

incluindo a face exterior do lado sul para onde foi deslocado um dos órgãos, colocado sobre o portal. Esta modificação arquitectónica foi estrutural, implicando a utilização de alvenaria e telha. A capela mór feita de novo recebeu uma estrutura retabular de estilo nacional executada por Filipe Silva no dealbar de Setecentos (1707)<sup>5</sup>.

Ainda esta obra não estaria consolidada e de novo a igreja entra em alterações significativas. As vicissitudes da vida dos humanos e das instituições traçam destinos inesperados. Em finais de Setecentos um incêndio começado próximo da cabeceira, no lado norte, reduziu tudo a cinzas, incluindo o retábulo setecentista que servira de modelo para outros, noutras igrejas, assim como toda a talha, cadeirais e revestimentos cerâmicos. As paredes terão ficado de pé, sendo incorporadas, depois, na nova construção. Deste modo estabeleceram-se corredores de circulação entre as paredes antigas e as novas. A fachada exterior, de estilo rococó, perfilou-se num ritmo regular e simétrico na distribuição das aberturas. O portal, cópia em granito do novo retábulo mór, ficou assim evidenciado e em destaque. O extravagante das suas formas curvas, desenhando variações de claro e escuro contrastava, elegantemente, com a serenidade dos panos parietais laterais, idênticos e caiados, cortados por janelas a lembrar uma sucessão de espelhos emoldurados. O interior era palaciano. Grinaldas de fino talhe estendiam-se pelas paredes ou desciam pelas pilastras numa sinfonia de dourados e lacados. O coro superior era um misto de frisos e medalhões de sabor clássico convivendo com ovais e pintura ilusionista. A profusão decorativa era de tal forma que o cadeiral de madeira exótica não tinha espaldas para permitir abarcar todo o espectáculo. Apenas o lugar abacial tinha um encosto subido, incómodo devido à curvatura e como um trono ostentava uma espécie de baldaquino. É curioso notar que quando no século XVI se construiu gótico num tempo de renascimento, agora aplica-se o rococó num tempo de neoclássico.

Dos elementos mais notáveis do mosteiro de Avé Maria e aqueles que ainda hoje o recordam nos registos fotográficos do século XIX, um era a igreja e o outro a portaria. O primeiro fruto de um acontecimento fortuito, mas habitual, nas instituições religiosas, devido ao elevado número de velas permanentemente acesas, o outro, da necessidade de exibir poder. A competição entre as comunidades monásticas foi sempre uma constante. No Antigo Regime as comunidades religiosas promoviam-se no sentido de atrair candidatas, fortalecendo deste modo a sua posição. Pretendiam, no entanto, que elas fossem dos melhores estratos sociofinanceiros. A importância demonstrava-se com maiores e melhores obras executadas por mestres reputados. No século XVIII, o século de ouro e do ouro houve uma crescente afluência às instituições religiosas acompanhada de grande capacidade económica social. Estes factores robusteceram as finanças dos mosteiros, permitindo altos voos arquitectónicos e decorativos.

---

<sup>5</sup> FERREIRA-ALVES, 1989: 446; PINHO, 2000: II, 153.

A portaria, o outro elemento, que melhor descreveu o mosteiro de Avé Maria era constituído por dois corpos em ângulo recto (como se passara a fazer então) de alturas diferentes e de concepção arquitectónica completamente diversa. Este facto levou a que durante muito tempo fossem considerados de fábricas diferentes. No entanto e apesar disso formam, de forma subtil, um conjunto coerente pelo enquadramento decorativo envolvente. A fachada voltada a poente tinha a marca setecentista da arquitectura quase militar. Longos panos estucados em contraste com travejamentos pétreos rematados por frisos e cornijas. Janelas, em ritmos regulares, emolduradas de lintéis e padieiras lavrados a destacar-se na alvura das paredes. No centro da fachada um nicho com uma composição escultórica de grandes dimensões em vulto redondo, representando a invocação do mosteiro: a Encarnação<sup>6</sup>. De autor até agora desconhecido era lavrada em pedra d'ançã.

A fachada voltada a sul, a segunda portaria, tinha uma estrutura de traçado aparentemente anterior e de inspiração flamenga num conjunto intrigante. A explicação estaria numa casa da rua Chã, ali muito próxima, que por qualquer razão serviu de modelo.

### 3. A RUA DE SANTA CATARINA DAS FLORES

A rua das Flores, parceira de jornada deste mosteiro, proporcionou além da companhia física, razões para que a simbiose entre ambos fosse profícua. Se o mosteiro deu à rua importância acrescida pela posição social que assumiu na cidade, dela retirou dividendos em termos materiais no sentido literal do termo. Muitos dos artistas, artesãos e doadores eram oriundos da nóvel estirpe burguesa instalada na rua das Flores ou que ali se foram instalando à medida que a rua se revestia de importância económica e consequente poder social.

Nascida com um cunho de modernidade na totalidade da sua concepção; direita, arejada, sem obstáculos físicos que impedissem a ampla circulação, calcetada, com casas de alvenaria de construção e área regulamentadas. Tornou-se a interface entre a zona baixa e ribeirinha onde tudo acontecia e o mundo que se abria para norte, para fora dos muros da urbe.

O mosteiro robusto e pesado na sua construção granítica, fisionomicamente retrógrado, preso ainda a estruturas medievais, trazia, no entanto, uma mentalidade renascentista no seu ideário, traduzida em conceitos arquitectónicos de última geração.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comemora-se no presente ano de 2021 os quinhentos anos da abertura da rua das Flores, no Porto. A importância que este aniversário confere tem a ver com o momento

---

<sup>6</sup> PINHO, 2004: 345.

de viragem urbanística que a cidade sofreu. No ano de 1521 quando a rua de Santa Catarina das Flores foi rasgada iniciou-se a modernidade na administração urbana. Depois, no século XVIII, já com a muralha parcialmente derrubada, foram-se concretizando outros projectos no mesmo sentido do serviço público.

A rua, hoje conhecida simplesmente como a das Flores, remeteu-se ao esquecimento durante décadas, depois de nos séculos XVI, XVII e parte do XVIII ter sido o centro nevrálgico da cidade do Porto. A zona onde está inserida, na parte velha da cidade, perdeu importância pelos novos pólos culturais e sociais que, entretanto, se foram abrindo e estendendo para norte e poente, com rasgadas ruas e avenidas bordejadas de edifícios de concepção moderna e estilos ecléticos.

Naquele século XVI, quando Portugal brilhava no firmamento internacional, foi o centro de toda a vida urbana. O Porto debatia-se ainda com as dificuldades inerentes a uma comunidade medieval, apertada e já sem condições de habitabilidade. Na partilha do espaço urbano incluíam-se também áreas de armazenamento e administração pública, para além das já referidas instituições religiosas que retinham grande parte do solo útil. A morfologia e a geologia completavam as dificuldades.

A abertura da rua das Flores foi, não só, um eixo viário de importância vital, interno e externo, mas o primeiro assente em princípios de utilidade pública. Também a arquitectura civil, sem concessões construtivas a privados, conferiu-lhe a linha identitária que ainda hoje a caracteriza. Inicialmente habitada por mercadores e artífices, gente endinheirada, com posses para obedecer às novas directivas foi sendo pretendida por letrados, juristas e clérigos, que a par dos grandes mercadores, enobrecidos, formaram como que uma corte burguesa. A existência do mosteiro de Avé Maria contribuiu e beneficiou desta proximidade. Por outro lado, toda a área envolvente acabou igualmente afectada. A praça de S. Domingos, centro comercial e cívico, no extremo poente da rua das Flores, mercê das numerosas acessibilidades entretanto abertas, tornou-se o ponto de distribuição do tráfego que se escoava pela nova artéria, no sentido leste/norte. Precisamente esta extremidade leste abria-se, agora, num imenso rossio onde se implantara o mosteiro beneditino de Avé Maria. A feira ou mercado diário que ali se passou a fazer acrescentou valor para além da importância que o espaço adquirira.

Também para esta artéria, tornada vital, se transferiu a Misericórdia (1559) que já detinha a jurisdição do hospital Rocamador (1521) localizado nas imediações. Às oficinas de artífices sucederam armazéns sobradados das respectivas residências, onde se instalara a nata da sociedade. Depois vieram os ourives, douradores e afins paredes meias com o mosteiro de Santo Elói, padroeiro daquela corporação. Assistindo a toda esta metamorfose o pequeno mosteiro de Avé Maria, edificado sob o mesmo princípio inovador de distribuição de espaços e equipamentos foi progredindo no mesmo sentido material e social, transformando-se no século XVIII num formidável edifício, parceiro em grandeza e qualidade com a rua das Flores. Ambos presidiram durante séculos a

procissões (uma das mais importante a do Corpo de Deus), festas profanas, funerais de dignitários e homenagens a entidades nacionais e estrangeiras. Todos os acontecimentos religiosos e civis tiveram como cenário a rua das Flores e o mosteiro de Avé Maria.

Os tempos avançam, mudam-se as ideias e as vontades. Muito fica para trás destruído ou esquecido. O cenóbio pereceu por falta de utilidade na nova Ordem e a rua das Flores permaneceu, por necessidades viárias, à espera de nova oportunidade que chegou, agora, quando faz cinco séculos de existência. Escondida sob um manto de cicatrizes e abandono resistiu com a sua identidade praticamente incólume.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes Manuscritas

#### Arquivo Distrital do Porto

ADP. *Fundo Monástico. Mosteiro de São Bento de Avé Maria do Porto*. PT/ADPRT/MON/CVSBVTR. ADP. *Notariais*. PO3, 2.ª série: 16, fol. 20v, 27v.

#### Arquivo Histórico Municipal do Porto

AHMP. *Vistorias, plantas de casas, expropriações, material cartográfico*.

#### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT. AHMF, *Fundo dos Mosteiros extintos, mosteiro de São Bento de Avé Maria do Porto*, cxs: 2033 a 2039.

#### Biblioteca Pública Municipal do Porto

BPMP. *Mns*. 1232, 1272, 1295, 1322.

### Fontes Impresas

COSTA, Pe. Agostinho Rebelo da (1945). *Descrição Topográfica e Histórica da cidade do Porto*. 2.ª ed. Porto: Livraria Progredior.

TOMÁS, Frei Leão de São (1651). *Do Mosteiro de São Bento do Porto*. Coimbra: Benedictina Lusitana, tomo II, parte VI.

## BIBLIOGRAFIA

AFONSO, José Ferrão (2000). *A rua das Flores no século XVI*. Porto: FAUP.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (1989). *Filipe Silva, Dicionário da Arte Barroca*. Lisboa: Presença.

OLIVEIRA, José Pereira de (1973). *O espaço urbano do Porto. Condições naturais e desenvolvimento*. Coimbra: [s.n.], 2 vols.

PINHO, Isabel Maria Ribeiro Tavares de (2000). *O Mosteiro de S. Bento de Avé Maria do Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.

PINHO, Isabel Maria Ribeiro Tavares de (2004). *Domingos Pires mestre de obras no Mosteiro de S. Bento de Avé Maria do Porto*. «Revista da Faculdade de Letras – DCTP». Vol. III, 339-359.

RAMOS, Luis A. de Oliveira, dir. (1994). *História do Porto*. Porto: Porto Editora.